

AS LIÇÕES DE JILL DIAS
ANTROPOLOGIA, HISTÓRIA, ÁFRICA, ACADEMIA

THE JILL DIAS LESSONS
ANTHROPOLOGY, HISTORY, AFRICA, ACADEMY

COORDENAÇÃO
MARIA CARDEIRA DA SILVA
CLARA SARAIVA



Esta obra é financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do PEst-OE-/SADG/UI4038/2011

coordenação
Maria Carneira da Silva | Clara Saraiva

© CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia
1.ª edição, Maio 2013
1000 exemplares

ISBN: 978-989-97179-2-3
Depósito legal: 362064/13

imagem da Capa
Jill Dias | Arquivo documental Jill Dias (CRIA / FCSH-UNL)

imagem da contracapa
“A diferenciação de antropologia entre 1890 e 1940”. | Acetato das Aulas de Antropologia – Arquivo documental
Jill Dias (CRIA / FCSH-UNL)

imagens do verso da capa
Arquivo documental Jill Dias (CRIA / FCSH-UNL)

paginação e capa
Gráfica 99

impressão
Cafilesa



ÍNDICE

The Balance.	11
<i>Landeg White</i>	
Apresentação.	13
<i>Maria Carneira da Silva e Clara Saraiva</i>	

KEYNOTES

Learning from Jill Dias: Press, Photographs and People.	21
<i>Jeanne Marie Penvenne</i>	
The History of Angola that Jill Dias never wrote	27
<i>Malyn Newitt</i>	

HISTÓRIA COM ANTROPOLOGIA

Os primeiros contactos luso-saarianos: narrativas europeias quatrocentistas e tradições orais biDān (Mauritânia)	37
<i>José da Silva Horta e Francisco Freire</i>	
The ambivalence of promoting of a humanitarian value. (About a penny token commemorating in Arabic the Slave Trade Abolition Act of 1807)	54
<i>Adel Sidarus</i>	

ANTROPOLOGIA COM HISTÓRIA

- Presenças históricas portuguesas em Larantuka – Indonésia Oriental** 65
Alice Viola
- Asia and Eurasia: New Tunes and Looney Tunes in Historical Anthropology ..** 75
Brian Juan O'Neill
- Jill Dias e a vertigem pré-colonial da antropologia histórica** 83
Frederico Delgado Rosa.

COLONIALISMO E PÓS-COLONIALISMO

- The Colonial Encounter Revisited: anthropological and historical 97**
perspectives on brokerage
Philip J. Havik
- Coleccionistas, turistas, e outros supostos predadores** 112
Maria Carneira da Silva e Amélia Frazão-Moreira

VER E REPRESENTAR ÁFRICA

- Fazer a figura no modo que está descrito. Representação iconográfica**
na escrita missionária sobre o Kongo (sécs. XVII e XVIII) 137
Carlos Almeida
- Usos e saberes lá do Sul. Gestão pós-colheita de cereais armazenados**
em Angola 154
Rosa Melo
- Tenreiro, Amador e os Angolares ou a reinvenção da história de São Tomé** 171
Gerhard Seibert
- Antepassados criadores. Representações entre a Europa e a África** 186
Clara Saraiva

ANTROPOLOGIA HOJE

- Modos de Produção da Etnicidade: emigração, ritual, etnogénesis** 207
João Leal
- Tesouros escondidos num pequeno artigo: “Famine and Disease**
in the History of Angola (c.1830-1930)”, de Jill R. Dias 222
Cristiana Bastos

**TESOUROS ESCONDIDOS NUM PEQUENO ARTIGO:
“FAMINE AND DISEASE IN THE HISTORY OF ANGOLA
(C.1830-1930)”, DE JILL R. DIAS.¹**

Cristiana Bastos

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Um repositório de tesouros escondidos – assim vejo o artigo de Jill Dias “Famine and Disease in the History of Angola c. 1830-1930”, publicado em 1981 no *Journal of African History*. “Escondidos” talvez não seja o melhor termo, já que os tesouros estão lá, livres e fáceis de encontrar para quem se dispuser a ler o texto com a atenção que merece: estão à vista, a cada página, nos parágrafos e nas quase duzentas notas com que a autora vai dando prova da pesquisa empírica, ajudando o leitor a navegar no argumento e a contextualizar o que tem diante de si. São pequenas preciosidades que permitem ir mais longe nos caminhos do pensamento crítico, da problematização e do conhecimento, não apenas da história de Angola, – o que de si seria já precioso, de tanto que está ainda por fazer – mas também das complexas relações entre os vários registos do social e do material e de algumas das suas mais visíveis interfaces, a fome e as doenças epidémicas. Para sublinhar a antevisão que marca este artigo, lembremos que só em finais do século XX vieram estes temas para o centro das agendas de pesquisa na antropologia,² embora a saúde pública há muito assinalasse que fome e epidemias são a expressão física das desigualdades sociais.³

Só tenho pena de não poder já discutir aspectos deste texto com a autora, de não o ter feito quando podia, ou teria podido, assim o deixasse a máquina trituradora do tempo aca-

¹ Este texto foi originalmente apresentado no colóquio de homenagem a Jill Dias, *As Lições de Jill*, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian em 14-15 de fevereiro de 2011. Agradeço às colegas e amigas Maria Cardeira da Silva e Clara Saraiva o desafio do convite e os comentários partilhados.

² A obra mais icónica desse momento de pesquisa é porventura *Infections and Inequities*, de Paul Farmer (1999), feito na senda do que a Antropologia Médica e os estudos de Saúde Pública vinham anunciando como prioritário: o elo entre as desigualdades sociais e os padrões de morbilidade. A epidemia de SIDA trouxe a equação para patamares muito mais amplos, e os estudos sociais de SIDA ajudaram a abrir de modo irreversível a consciência das dimensões sociais, políticas e económicas da saúde e doença (e.g. Mann et al 1992; Farmer 1994, 1999; Bastos 1999; Foller & Torn 2008). No campo da história social da medicina, com alguns precursores como Rosenberg (1962), os estudos de epidemias ganham particular relevância nas suas articulações com os estudos coloniais (e.g. Arnold 1993)

³ A extensão documentação da Organização Mundial de Saúde (disponível em www.who.int) mostra como este ponto passou das antigas críticas revolucionárias de autores como Kropotkine (veja-se o panfleto “À Gente Nova”, cuja versão portuguesa data de 1904, com vários exemplos dos nexos entre a falta de saúde e as fracas condições sociais) e Engels (cujo livro de 1845 “A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra” antecipa as grandes questões da Saúde Pública) no século XIX, para o centro institucional da governação internacional no século XXI. Para um documento recente veja-se o relatório “Closing the Gap in a Generation” (CSDH 2008).

démico; Jill estava entre nós e nada me faria suspeitar que não continuaria a estar por muito mais, era só uma questão sincronizar encontros, agendas apertadas, enfim, o permanente adiar do que mais interessa que se instalou como estilo de vida – não procurado mas inevitável e implacável. Lembro-me perfeitamente de a ouvir (ou seria ler num email?) mencionando planos e planos de pesquisas que já tinha em mãos, todas elas entusiasmantes, para depois rematar, sem deixar de sorrir: “isso é coisa para a reforma!”. Isto porque tinha tantas coisas abertas e todas tão ricas e tão intensamente consumidoras de tempo que muitas iam sendo adiadas porque a urgência de algumas assim o impunha. Por isso não podemos deixar de pensar que se as coisas fossem um bocadinho diferentes no moinho que nos traga o tempo e incinera as prioridades em que todos sem dar por isso nos vimos metidos, talvez esta pessoa tão brilhante e tão generosa como era a Jill Dias pudesse ter escrito mais alguns destes luminosos, ou talvez densos, pelo menos iluminadores artigos.

Nesse contexto, fico muito feliz de termos conseguido, num ano de sorte e boas circunstâncias, convencer Jill Dias a escrever um artigo original para a colectânea *Trânsitos Coloniais*, que editei em conjunto com os colegas Bela Feldman-Bianco e Miguel Vale de Almeida. Trata-se do “Novas Identidades Africanas” (Dias 2002, 2007), sobre os ambakistas – mais um texto iluminado e instrutivo, cheio de instrumentos para pensar melhor o mundo em que andamos, as linhas e fracturas que, cosendo e dividindo, o organizam.

Era um tempo em que o moinho triturador ainda tinha pequenas folgas entre as suas rodas dentadas que nos permitiam ter encontros sem aposta certa, sem resultados previsíveis, abertos na expectativa de ao cruzar sinergias e saberes pudessemos todos ganhar mais sabedoria e produzir resultados colectivos. Foi há uma dúzia de anos mas parece ser já de outra era, quando algumas coisas que agora damos por certas estavam ainda a começar, quando havia mais disponibilidade, e meios, para usar a imaginação. Apanhei boleia de um desafio da colega e amiga Bela Feldman-Bianco que na UNICAMP lançou um *forum* aberto para cruzar historiadores e antropólogos portugueses e brasileiros, a tentar recortar e configurar aquilo que pressentíamos ser o real mas não tínhamos por onde tematizar, encerrados em tradições disciplinares diferentes e tradições nacionais separadas. Foi em 1998 mas parece mesmo de outra era, agora que não se faz um encontro em Portugal que não se encha de colegas brasileiros e vice-versa, agora que alguns de nós transitam entre a história e a antropologia sem qualquer dificuldade ou limitações; mas era mesmo assim, e essas eram uma novidade.

Era novidade, também, procurar as raízes do Brasil em África, ver no seu conjunto Brasil e Angola, ver os assuntos portugueses como parte de um todo que incluem esses nexos atlânticos, como inovadoramente exploraram Luiz Felipe Alencastro (2000) e alguns outros, ajudando a romper com o paradigma de pesquisa em que os legados e matrizes de cultura se viam na Europa, num Portugal acabrunhado e débil de onde saíam as justificações para as debilidades do Brasil, numa França inalcançável que à distância reproduzia uma imposição de

padrões sobre o que se não tem, nem se é, quando se tem por predicamento e condição o ser-se colónia ou ex-colónia.

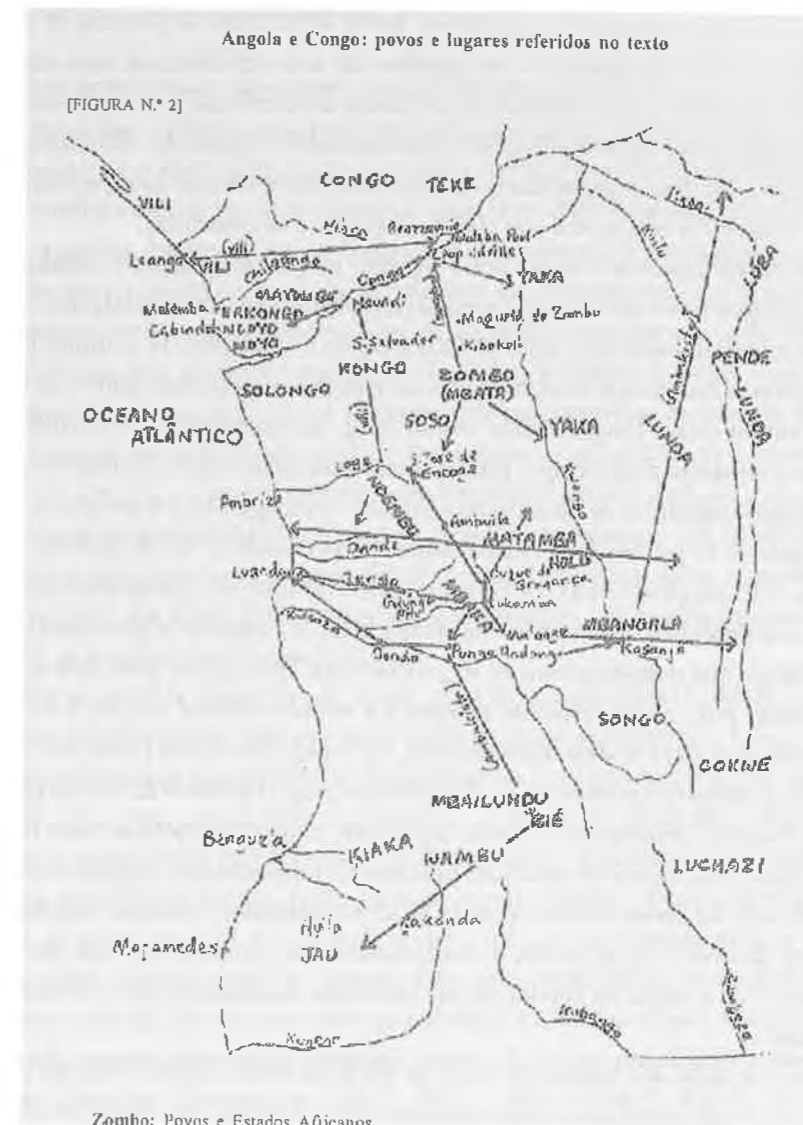
Foi nesse contexto que prolongámos o encontro da Universidade de Campinas num outro mais ambicioso no Convento da Arrábida, em 1999, inserido no seu ciclo de Cursos de Verão, levando às últimas consequências o espírito destes cursos – fechando num lugar maravilhoso duas dezenas de investigadores cujas pesquisas potencialmente se podem cruzar e assim criar, colectivamente, algo novo.⁴ Foi a esse encontro que conseguimos atrair Jill Dias e foi aí que apresentou o brilhante texto sobre os ambakistas, mostrando, com uma densidade que associamos à etnografia, a materialidade das vidas, estatutos e etnicidades em movimento que se geram no contexto das relações coloniais. Eis um grande exemplo de como ultrapassar os limites da escrita a preto-e-branco no estudo do colonialismo, fazendo mão de categorias de sobreposição a que só podemos chegar com um largo uso de estudos empíricos – como Jill fez em “Novas identidades africanas”.

Lembro-me de lhe ter mendigado a versão final, já então competindo com a máquina de devorar o tempo que naquele tempo a atacava mais que aos outros, talvez porque era melhor, mais preparada, mais generosa, e por isso, também, mais ocupada. Como prova dessa original combinação veja-se o mapa incluído na última página do artigo, acrescentado por insistência da autora para ajudar a elucidar a distribuição espacial dos grupos que mencionava. Como se pode ver, ela mesma fez o mapa, ou pelo menos concebeu-o; fui buscá-lo à sua morada na Travessa das Águas-Livres mesmo *in extremis*, o livro a ser paginado ou mesmo já paginado, o que ajuda a explicar a péssima localização deste original e eloquente mapa num intervalo de capítulos e em página par – detalhe felizmente melhorado na edição brasileira de 2007. Creio que este mapa, exactamente como está, revela bem o modo de ser de Jill Dias: elucidar, ajudar o leitor, tornar mais claro e mais fundamentado aquilo que o seu já muito claro texto dava conta.

Mas não me propus tratar do “Novas identidades africanas”, apresentado em 1999 e publicado em 2002, mas sim de um outro texto, muito anterior, mais lento na confecção, mais pesado nas referências, e talvez mais intemporal no seu impacto: “Famine and Disease in the History of Angola (c. 1830-1930)”, publicado em 1981 no *Journal of African History*, volume 22, numero 3, paginas 349-378.

Ao reler este texto dispara a minha perplexidade perante o que não se fez, ou ainda não se fez, na sequência de tantas propostas ali abertas. Quando a história social da medicina tem ainda uma expressão tão limitada entre nós, e só agora despontam as aproximações à história da saúde (Sobral et al 2009, Saraiva 2009, Garnel 2010, Saavedra 2010, Bastos e Barreto 2011) que saem do padrão convencional de biografias de médicos e cronologias de descober-

⁴ Não podemos deixar de agradecer à Fundação Oriente a generosidade com que recebeu inúmeros pesquisadores ao longo dos anos e reconhecer o impacto que a iniciativa dos Cursos da Arrábida teve na abertura de caminhos de conhecimento.



Jill Dias [2002]2007

tas, e quando a antropologia médica e a antropologia da alimentação têm sido praticadas em círculos muito restritos, é de saudar com ênfase a existência desse artigo de 1981 sobre a história entrelaçada de angolanos e portugueses que ancora a análise nas variáveis de saúde, de alimentação e dos condicionantes ecológicos que modelaram as relações sociais e por elas foram modelados.

O artigo começa por se mostrar exploratório, pedindo uma sequência que ainda hoje está para chegar. A análise era antecipatória e ampla, articulando instâncias materiais e sociais,

económicas e ecológicas, históricas e políticas. Talvez demasiado ampla para as modas que nessas décadas de 1980-90 enlearam nos espelhos de autorreflexividade uma antropologia ainda obcecada em expurgar do seu universo cognitivo as referências à materialidade da natureza, com medo de escorregar para determinismos estranhos à lógica das ciências sociais, e no processo perdendo de vista a importância de dimensões tão nucleares na experiência humana quanto o são a fome e o frio, a seca e as cheias, as pragas e as epidemias.

Para além destes aspectos o artigo tinha algumas propostas ousadas, e a dado momento sugere que os próprios movimentos de libertação angolanos têm uma história que radica nesta conjugação de materialidades que inclui as secas e fomes e as relações de dominação que moldavam as dinâmicas humanas e as mobilidades no espaço em tempos de fome e de seca. Certa ou errada, a autora estava longe, mesmo muito longe da antropologia paratribalista que se fazia no nosso país ainda nesse tempo, girando em torno de entidades étnicas essencializadas (geradas na própria dinâmica de dominação colonial), prolongando um tempo em que antropólogos e impérios se promoviam mutuamente, perpetuando-se as identidades dos povos coloniais pelo acto cognitivo de as congelar no tempo do presente etnográfico das monografias, gerando nos processos os recitativos de pluralidades em impérios e pós-impérios. E assim era a antropologia que predominantemente se praticava em Portugal no princípio dos anos 80, alguns mantendo pura e simplesmente a lógica e a atitude colonial sob nova terminologia, outros tentando demarcar-se dela mimetizando, em inglês, francês ou traduções castelhanas, os padrões das grandes metrópoles, mais distantes no tempo histórico da sua antiga condição de centro de império, pretensamente mais universais, mais cosmopolitas, mais interactivas, mais sofisticadas. Mas, como em qualquer processo de mimetização, chegavam-nos as coisas em réplica diluída, tal como as fotocópias de bordos esboroados e margens ilegíveis que usávamos em vez de livros, ou, ao invés, demasiadamente artificiais no reforço das suas cores, no recorte dos seus bordos, na rigidez da sua estrutura, lembrando que, precisamente, não eram originais...

A anos-luz de tudo isto estava este texto de Jill Dias sobre a fome e doença em Angola. De imediato leva-nos muito para lá das supostas tribos e etnias que fantasmaticamente circulavam pelas salas de aula. Dá-nos a conhecer a complexidade de relações que leva à formação e transformações de identidades colectivas (se quiserem chamem-lhe etnogénese, mas, como Jill, gosto pouco de jargão); os caminhos da história, as relações de poder, deslocamentos, confrontos, alianças e outros modos de articulação social criam e mudam os nomes dos grupos e reconstituem-nos em tempos que não são alcançáveis no presente etnográfico, mas a espessura do tempo histórico elucidada. Como se tudo isto não chegasse, o artigo convida-nos a reflectir conjugada e articuladamente sobre o meio físico e as configurações do social. Longe de determinismo geográfico, obviamente, e sem se filiar na versão simplista de uma ecologia cultural que tinha estado em voga no passado, mas também sem expurgar da análise as dimen-

sões materiais da realidade que ajudam a compreender algumas dinâmicas sociais, culturais e políticas.

A história de Angola que aqui emerge cruza pessoas, animais, recursos, fisicalidades, materialidades, ou, como se diria numa linha de análise hoje em voga, humanos e não-humanos; assinala relações de poder e dominação enquanto estruturantes das transformações no meio, e sugere os modos como as transformações no meio têm efeito nas relações sociais. Os animais não são as palancas, bisontes, leões e elefantes das enumerações naturalistas de uma África-espectáculo, mas os gafanhotos, as rãs, as ratazanas e as formigas que em pragas assolavam as já depauperadas terras e populações em seca. As secas não são hipóteses de fundo, referências em segunda mão, mas aparecem medidas, calculadas, avaliadas, datadas e contextualizadas numa dinâmica de clima para o qual a autora pede mais estudos. As plantas são as espécies alimentares que se vão articulando com a vida humana – ora agricultura e consumo interno, ora espécies colectadas e quase inventadas pelo engenho humano durante a seca, como o *kissari* (p.355), ora as monoculturas para venda, como o amendoim e café (p.362), ora as plantações influenciadas pelas rotas internas ligadas ao tráfico escravo, como a mandioca, o feijão e o milho (p.361), ora ainda os pequenos nadas pelos quais, em estados máximos de aflição e muita fome, se podiam trocar seres humanos.

Na história que este artigo nos dá conta, as secas, a mobilidade humana e o tráfico não se determinam linearmente, mas geram-se uns aos outros, retroagindo, e pelo caminho trazem alguns indicadores que nos dão uma perspectiva mais concreta do que eram essas realidades – as fomes que catapultam deslocamentos, as entidades mórbidas que assolavam em permanência, como as febres endémicas, as disenterias, os problemas respiratórios e de pele (p. 357), ou nas intermitências das epidemias, como a peste, a febre amarela, a influenza, o sarampo, a varíola (p.358). E é na análise desta última que o artigo mais se estende retomando a análise dinâmica que nos proporciona uma outra forma de encarar a história de Angola e um conjunto de instrumentos que ajudam a toda e qualquer história, regional ou global. E tudo assenta sobre muita pesquisa, muitos dados, muitas fontes – quem mais neste mundo usa Germano Correia (pp. 350-1, 353-4, 358-9, 364-5, 368-9, 373-4, 376-7) e Manuel Ferreira Ribeiro (pp. 355, 358, 368, 370, 375) como fontes? E quantos vão a ponto de estranhar as inconsistências dos dados de Germano Correia (p.354)? E quantos persistem nos trabalhos invisíveis e morosos de contar, medir, calcular, antes e enunciar?

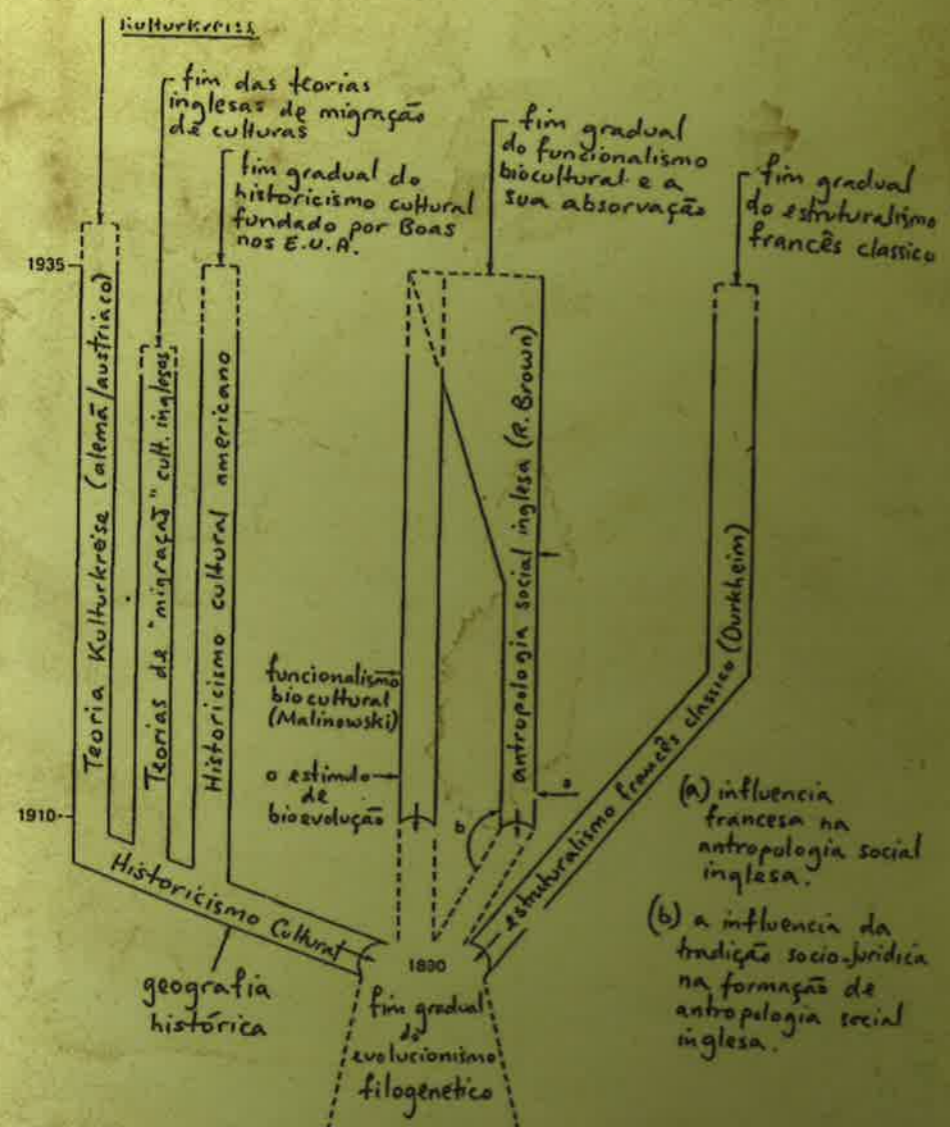
Em vários planos, portanto, temos o texto semeado de tesouros. Agora que os estudos de ambiente estão em todo o mundo no centro das preocupações de academias e políticos, agora que os estudos de alimentação – e da falta dela – são um dos campos mais populares na antropologia, agora que a história das epidemias e endemias se tornou uma das variantes mais produtivas da história social, seja ela regional ou global, agora que a antropologia médica é uma das subdisciplinas mais vibrantes da antropologia, podemos voltar a este texto

visionário, que sobreviveu impassível às modas ociosas que encheram os anos 1980 de inutilidades cognitivas sob a capa apelativa do pós-modernismo e, ao contrário deste, assenta no labor incessante de trabalhar os dados, apurar a interpretação, exercer a análise e a crítica, enfim, na pesquisa que aspira, na clássica acepção do trabalho científico, a conhecer e dar a conhecer.

Thanks, Jill. You gave us a lot.

Bibliografia

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de, 2000, *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. S. Paulo, Companhia das Letras
- ARNOLD, David, 1993, *Colonizing the body: state medicine and epidemic disease in nineteenth century India*. Berkeley, University of California Press.
- BASTOS, Cristiana, 1999, *Global responses to AIDS: science in emergency*. Bloomington, Indiana University Press.
- BASTOS, Cristiana, e Renilda BARRETO (orgs), 2011, *A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, série ONLINE.
- CSDH (Commission on Social Determinants of Health, directed By Sir Michael Marmot), 2008, *Closing the gap in a generation: health equity through action on the social determinants of health. Final Report of the Commission on Social Determinants of Health*. Geneva, World Health Organization.
- DIAS, Jill R., 1981, "Famine and Disease in the History of Angola (c.1830-1930)", *Journal of African History*, 22(3): 349-378.
- DIAS, Jill R., 2002, "Novas identidades africanas em Angola no contexto do comércio atlântico", In Cristiana Bastos, Miguel Vale de Almeida e Bela Feldman-Bianco, orgs., *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 293-320. Reeditado em 2007. Campinas, Editora da UNICAMP, 315-343.
- ENGELS, Friedrich, 1845, *Die Lage der arbeitenden Klasse in England*. Leipzig.
- FARMER, Paul, 1999, *Infections and inequalities*. Berkeley, University of California Press.
- 1994, *Aids and accusation: Haiti and the geography of blame*. Berkeley, University of California Press.
- FOLLER, Maj-Lis, and Hakan Thorn, eds., 2008, *The Politics of AIDS: Globalization, the State and Civil Society*. New York, Palgrave Macmillan.
- 1999, *Infections and inequalities*. Berkeley, University of California Press.
- GARNEL, Rita, (coord.), 2010, *Corpo. Estado, Medicina e Sociedade no tempo da I República*. Lisboa, CNCCR/ INCM.
- KROPOTKINE, P., 1904. *À gente nova*. Versão portuguesa Affonso Lopes-Vieira. Lisboa, Viuva Tavares Cardoso
- MANN, Jonathan, Daniel Tarantola and Thomas Netter, eds., 1992, *AIDS in the World: A Global Report*. Cambridge, Ma., Harvard University Press.
- ROSENBERG, Charles, 1962, *The cholera years: the United States in 1832, 1849, and, and 1866*. Chicago, University of Chicago Press.
- SAAVEDRA, Mónica, 2010, "*Uma Questão Nacional*": *Enredos da malária em Portugal, séculos XIX e XX*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- SARAIVA, Luís, 2009, *O Renascer de Vénus: trabalho, prostituição e saúde em tempos de SIDA*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- SOBRAL, José, Luísa LIMA, Paula CASTRO e Paulo SILVEIRA E SOUSA (orgs), 2009, *A Pandemia Esquecida: Olhares comparados sobre a Pneumónica 1918-1919*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.



A diferenciação de antropologia entre 1890 e 1940



AS LIÇÕES DE JILL DIAS

ANTROPOLOGIA, HISTÓRIA, ÁFRICA, ACADEMIA

THE JILL DIAS LESSONS

ANTHROPOLOGY, HISTORY, AFRICA, ACADEMY

COORDENAÇÃO: MARIA CARDEIRA DA SILVA | CLARA SARAIVA